

O LADO OCULTO DE ROSE ★

Ademir Pascale & Evandro Guerra

Texto

Ilustrações



O LADO OCULTO DE ROSE ★

Evandro Guerra – Ilustração

evandroguerra@ymail.com

Ademir Pascale – Texto

ademir@cranik.com – www.twitter.com/ademirpascale

São Paulo, 04 de março de 2008. Ao visitar a casa dos meus bisavós e avós no bairro do Bexiga em São Paulo, encontrei esta carta, já um pouco deteriorada, dentro de um velho baú no sótão, juntamente de outras cartas, fotos e documentos mal preservados da minha família. A carta foi escrita pelo meu falecido pai...

São Paulo, 30 de janeiro de 1949.

Somos italianos e há seis anos viemos morar no Brasil. Saímos da província de Salerno, situada na região de Campânia, cuja capital é Nápoles. Vieram meus pais Théo e Giovanna, eu, meu irmão Raphael, meus avós maternos Antônio e Arturieta e os paternos Raphaeli e Elvira, dois tios e suas esposas, sendo José e Marieta, Manoel e Andréia e mais sete sobrinhos; Nathale, Miguel, Alexandra, Giovanni, Armelinda, Maria e Rita de Cássia. Vieram também duas tias, mas uma, tia Rosalina, infelizmente faleceu na longa e desgastante viagem. Não entendi muito bem o que aconteceu, mas um médico a bordo do nosso navio, fez os exames preliminares e constatou intoxicação alimentar. Tia Rose, solteira, trinta e um anos, perdeu sua irmã e companheira Rosalina, e desde então, passou a se vestir com roupas fúnebres que combinavam com seus lisos cabelos negros que emolduravam sua triste e pálida face. Vez ou outra, tia Rose balbuciava desconexas palavras, dando a entender que era a sua maneira de orar pela irmã que se foi. O terço e a Bíblia passaram a ser os seus eternos e únicos companheiros, pois a pedidos insistentes dela, a família em respeito se afastou.

Com vistos permanentes, viemos para trabalhar e tentar uma nova vida no Brasil. Meus avós não aprovaram a mudança, pois em cerca de um ano, a família se dividiu. Desde quando chegamos neste país, permaneci morando no bairro do Bexiga em São Paulo. Abrimos um restaurante e pizzaria no saguão de nossa casa, e hoje moram comigo meu irmão, pais e avós. Meus tios José e Manoel, suas esposas e filhos foram para Guarulhos, compraram um sobrado e abriram um comércio de bebidas próximo da Av. Tiradentes. Minha tia Rose, foi para Guaratinguetá, uma cidadezinha do interior de São Paulo, e os bons ares do lugar mudou completamente a sua personalidade reclusa, a tornando em uma excelente professora de piano. Este dom lhe permitiu lecionar no salão



São Paulo, 04 de março de 2008. Ao visitar a casa dos meus bisavós e avós no bairro do Bexiga em São Paulo, encontrei esta carta, já um pouco deteriorada, dentro de um velho baú no sótão, juntamente de outras cartas, fotos e documentos mal preservados da minha família. A carta foi escrita pelo meu falecido pai...

principal de sua casa para cerca de vinte jovens alunos entre treze e dezessete anos, sendo oito garotos e doze garotas. A renda obtida com as aulas deu para ampliar a sua casa e ainda ter o luxo de empregar duas pessoas de meia-idade, sendo uma doméstica e um jardineiro. Mesmo tendo uma boa renda, tia Rose fazia questão de cozinhar todos os dias; arte que aprendeu quando criança com minha querida avó siciliana. Bom, cheguei no exato ponto do meu relato, contei um breve resumo da nossa história para que você entenda o que direi logo em seguida:

O terror em nossas vidas iniciou-se exatamente há dois meses e três dias, quando tia Rose convidou meus tios, tias, primos e irmão para um jantar de fim de semana. Desde que fora morar em Guaratinguetá, aquele seria o primeiro jantar em família em sua casa. Eu, meus pais e avós, não poderíamos comparecer, pois deveríamos recepcionar uma festa de casamento que aconteceria em nosso restaurante justamente naquele fatídico sábado. Foi apenas meu irmão mais velho Raphael, pois se sentia muito cansado decorrente ao exaustivo trabalho de garçom no restaurante, e é com muito pesar que escrevo estas tortuosas linhas. Meus olhos lacrimejam incessantemente, pois o que era para ser um simples e feliz jantar em família, tornou-se uma diabólica armação do destino...

Três dias após a viagem dos meus parentes para Guaratinguetá, recebemos uma carta de tia Rose, pois como dizia já no primeiro parágrafo, ela não teve forças para nos comunicar a tragédia via telefone: segundo Rose, no sábado, dia do jantar onde reuniu meus tios, suas esposas, filhos e meu irmão, ela, indisposta, não participou do jantar, e foi para seus aposentos enquanto todos permaneceram na copa, conversando num tom grave como todos nós italianos fazemos quando estamos reunidos em família. Rose despertou na manhã seguinte, e ao lembrar do jantar da noite anterior, deduziu que sua empregada conduzira seus visitantes após o jantar até aos aposentos exclusivos do casarão, mas lembrou-se quase de imediato que a dispensou logo no início da tarde. Então onde seus irmãos, sobrinhos e cunhadas estariam? Levantou-se, fez seus afazeres rotineiros de todas as manhãs e desceu até a copa, mas, a cena que ela presenciou e descreveu foi terrível: todos, sem exceções, ainda permaneciam sentados em suas cadeiras. As cabeças de alguns declinadas para o prato, outros completamente debruçados sobre a mesa, e a maioria ainda segurava com certa firmeza os talheres de prata. Tentou acordá-los em vão. Todos estavam mortos e ainda compartilhavam da ceia macabra em família.

Entramos em desespero; li a carta três vezes e ainda não conseguia acreditar naquelas malditas palavras. Tentamos telefonar por várias vezes para tia Rose, mas ninguém atendia o telefone. Minha mãe chorava muito e meu pai pediu para que eu fosse com minha motocicleta até Guaratinguetá, pois a carta deveria ser alguma brincadeira de mau gosto. Comi alguma coisa rapidamente, peguei minha jaqueta de couro, abracei e beijei meus pais e avós, enchi o tanque da minha motocicleta Indian Sport Scout 750cc, e rumei o mais rápido possível para a cidadezinha.

A viagem não foi fácil, foram horas difíceis de estrada, pois a ânsia em chegar ao local, era gigantesca. Eu queria ver tia Rose com meus próprios olhos e ouvir de sua boca que tudo aquilo era mentira, mas, ao me aproximar do centro de Guaratinguetá, notei uma grande movimentação semelhante as tradicionais procissões. Na realidade, era a procissão



...todos, sem exceções, ainda permaneciam sentados em suas cadeiras. As cabeças de alguns declinadas para o prato, outros completamente debruçados sobre a mesa, e a maioria ainda segurava com certa firmeza os talheres de prata. Tentou acordá-los em vão. Todos estavam mortos e ainda compartilhavam da ceia macabra em família.

Entramos em desespero; li a carta três vezes e ainda não conseguia acreditar naquelas malditas palavras. Tentamos telefonar por várias vezes para tia Rose, mas ninguém atendia o telefone. Minha mãe chorava muito e meu pai pediu para que eu fosse com minha motocicleta até Guaratinguetá...

para o enterro de doze pessoas: meus tios, suas esposas, meus sobrinhos e meu irmão. A carta de tia Rose era verdadeira.

Identifiquei facilmente o casarão de tia Rose, pois era o único naquele tom amarelado da rua. Não precisei bater à porta, pois a mesma já se encontrava entreaberta. Os alunos das aulas de piano em uníssono ressoavam uma triste percussão, provavelmente em homenagem aos meus entes falecidos. Entrei sem ser notado, mas notei a empregada que, com uma grande bandeja, atarefada, servia algum tipo de sobremesa aos alunos, provavelmente feita pelas mãos de tia Rose e, um a um foi cessando a triste canção. Procurei sinais de minha tia por alguns cômodos do casarão, mas não a encontrei. Vi uma estreita e quase despercebida porta no final da cozinha. Era a entrada para o porão. Desci em uma estreita escada de madeira, quase ruindo, e encontrei um imenso e solitário salão, exceto pela grande viga em seu centro que provavelmente sustentava toda a estrutura da casa e, encostado em uma parede, um antigo armário com as portas entreabertas e quase caindo aos pedaços, o qual revelava alguns frascos de vidro, mas, curioso que sou, me aproximei do armário e li com clareza seus rótulos que apresentavam os mesmos dizeres: *Produto tóxico: Arsênico*. Confesso que até então, não sabia o porquê de tantos frascos deste veneno. Talvez para matar ratos, quem sabe, mas sem dar muita importância, temeroso, dei as costas para a descoberta e sai do local com certa rapidez, pois notei que a grande viga central, estremecia de tempos em tempos, apresentando algumas visíveis rachaduras em suas extremidades — parecia que o casarão poderia ruir à qualquer momento. No térreo, notei um certo silêncio, e imaginei que os alunos de tia Rose já tinham ido para suas casas, então resolvi subir mais um lance de escada, que dava de frente para um quarto. Era o quarto de tia Rose, e soube disso naquele momento porque a vi dormindo em seu leito. Para não causar transtornos, resolvi descer novamente para o grande salão, mas, algo estremeceu minh'alma: vi tia Rose subindo os lances da escada, e instantaneamente, quase num reflexo, olhei para trás e vi tia Rose ainda deitada em sua cama. Minhas pernas e mãos estremeceram, pois algo de sobrenatural acontecia: tia Rose continuava a subir a escadaria, e quando já estava ao meu lado, com um dos frascos de Arsênico na mão, contemplou minha face com um diabólico sorriso no olhar. Desci as escadas aos tropeços e, a nova cena que presenciei, fez explodir algo em meu peito: eu ouvia as batidas do meu coração como o estouro de bombas de fim de ano. Todos, todos os vinte alunos de tia Rose, estavam sentados em suas cadeiras, mas não apresentavam movimento algum; estavam mortos. Pude notar ao longe a empregada em pé e estática com um homem ao seu lado — provavelmente o jardineiro. Seriam cúmplices de tal barbaridade? O fato é que, no mesmo instante em que resolvi sair do casarão para pedir ajuda, senti o chão estremecer de tal maneira, que cai de joelhos no assoalho. Levantei-me rapidamente e corri até o centro da rua, e quando olhei para trás, vi tia Rose debruçada na janela de seu quarto e, atrás dela, a outra idêntica a ela que cruzei instantes antes na escadaria, pois a diferenciei apenas pelo olhar demoníaco. Àquela cena durou poucos segundos, pois a casa inteira ruiu, sobrando apenas pedras e um extenso sinal de poeira que ia do chão até o alto. Pude notar também, no meio da poeira, vários rostos em agonia que se formavam e desmanchavam incessantemente...



...vi tia Rose debruçada na janela de seu quarto e, atrás dela, a outra idêntica a ela que cruzei instantes antes na escadaria, pois a diferenciei apenas pelo olhar demoníaco. Àquela cena durou poucos segundos, pois a casa inteira ruiu, sobrando apenas pedras e um extenso sinal de poeira que ia do chão até o alto. Pude notar também, no meio da poeira, vários rostos em agonia que se formavam e desmanchavam incessantemente...

Esta é a primeira parte de três da novela O Lado Oculto de Rose, elaborada por Ademir Pascale. Os interessados na continuação, enviem um e-mail para: ademir@cranik.com

Créditos:

Ademir Pascale – Texto

ademir@cranik.com

www.twitter.com/ademirpascale

Evandro Guerra – Ilustração

evandroguerra@ymail.com

Este arquivo PDF pode ser distribuído livremente, desde que citado os devidos créditos